

**NOTA INTRODUTÓRIA: RESSIGNIFICAÇÕES DA  
FESTA E IDENTIDADES COMUNITÁRIAS**  
**INTRODUCTORY NOTE: RESIGNIFICATIONS OF  
FESTIVITIES AND COMMUNITY IDENTITIES**

**Rita Ribeiro**

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal

**Manuel Pinto**

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal

**Maria Erica de Oliveira Lima**

Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Brasil

---

“Ela é nossa!” – dizem os bugios aos saltos na festa de São João de Sobrado. Não é certo a que se referem, se à imagem de São João que disputam com os mourisqueiros, se à própria festa. Seja como for, podemos dizer que a festa conhece no presente um momento de afirmação, que é acompanhado por uma desafiante ressignificação. Tão importante quanto a festa, na sua dimensão simbólica e ritual, são os grupos que a fazem. Assim, estudar as festas na contemporaneidade exige um mergulho nas comunidades que festejam, para quem a “sua” festa é *tradição*, mas também afirmação identitária e celebração comunitária, a que são dedicados consideráveis recursos (materiais, de tempo e de energia).

Em todos os tempos e latitudes, os eventos festivos, por entre a mais exuberante diversidade, revelam-se como uma invariante da cultura enxertada em três pontos: o sagrado, o coletivo e o tempo. Do latim *festus*, dia feriado e de celebração religiosa, a festa liga-se, de modo direto ou indireto, ao sagrado. Sejam romarias, ritos de fertilidade, festejos natalícios ou pascais, as festas são formas de lembrar e agradecer ao divino e propiciar futuras graças. E porque a noção de sagrado está vinculada à de profano, isto é, os dois domínios constituem-se na própria oposição, também a festa profana toca a transcendência ao hipostasiar o grupo que a faz. Émile Durkheim (1985/1912) propunha analisar as celebrações pelo seu efeito de efervescência social. Com isto queria referir-se ao inebriamento que resulta da comunhão de um grupo que reza, dança, canta e faz música em conjunto, que age em uníssono e onde as partes se dissolvem no todo. É neste processo que se substancia a comunidade, que, diz Durkheim, se adora a si própria quando adora os seus *totems*, ou seja, que se sacraliza na união. Assumindo esta conclusão, o sagrado não está ausente das celebrações profanas; pelo contrário, está na exaltação do coletivo, na exaltação emocional produzida pelos ritos celebratórios.

Neste sentido, o sagrado é, sociologicamente, indissociável da *communio*, a comunhão com o grupo espelhando a comunhão do humano com o sagrado. Como momento

*extra-ordinário* de suspensão do tempo, de regras e de hierarquias, de substituição da ordem quotidiana pela ordem ritual, a celebração festiva consagra um espaço-tempo que só pode ser vivido em conjunto e que, ao fazer-se, revigora o coletivo. Hoje, como no passado, em múltiplas esferas da vida social, é evidente a necessidade de estar e de fazer em conjunto, de alcançar o sentimento de *togetherness* conseguido nas realizações e nos contextos multitudinário (Maffesoli, 1988). É também essa a vocação das festividades: fazer comunidade nos pequenos gestos de quem costura um traje; no virtuosismo de quem ensaia músicas, cânticos, danças, dramaturgias; na honradez de quem recolhe fundos; na satisfação da comensalidade; no santo que se carrega ou no pagamento da promessa; na cumplicidade de interditos e transgressões; na emoção partilhada dos momentos de trabalho, diversão, prazer, dor. A festa consagra, também, a fronteira simbólica que distingue os de dentro dos de fora e constitui um marcador identitário que reforça a pertença a um lugar, um grupo, uma nação, uma religião (Leal, 2016).

Um terceiro enxerto das festas faz-se com as linhas do tempo. Pelo lado do tempo circular, as festas são os pontos axiais que marcam o tempo que se repete: as estações do ano, o ciclo da natureza e da agricultura, as feiras, os dias de devoção ao sagrado, os aniversários. Se as festividades são inerentemente cíclicas, elas existem também no tempo linear e têm profundidade histórica. Como tal, são hoje analisadas e vividas como herança cultural e caucionadas pelo seu valor tradicional (Kirshenblatt-Gimblett, 1995; Guiu, 2008). Precisamente, muitas das festas de origem mais recente, quase sempre de natureza profana, são dedicadas a convocar o passado, os seus mitos, heróis, ressentimentos e modos de vida – é o passado feito presente, quase sempre como recriação ou simulacro, que oferece inúmeras oportunidades às pujantes “indústrias” da memória, do património cultural e do lazer (Baudrillard, 1991; Gillis, 1994). Desses tempos pretéritos, uns de rasto muito remoto outros ainda na memória coletiva viva, serve-se o presente, quer para insuflar sentido de pertença e vigor identitário, quer como barreira contra a cultura-mundo (Lipovetsky & Serroy, 2010), quer como insígnia de resistência de grupos minoritários ou subjugados, quer, mais frequentemente, como mercadoria.

Daqui decorre um dos problemas mais desafiantes nos estudos festivos contemporâneos: a antinomia tradição-modernidade (Canclini, 2003; Beck, Giddens & Lash, 1997). Quando, na contemporaneidade, a tradição é invocada, está-se já perante a sua ressignificação, isto é, a tradição converte-se em discurso legitimador sobre uma miríade de manifestações culturais de matriz popular que, por não se enquadrarem nos cânones da racionalidade moderna, são justificadas reflexivamente. Tendo mudado o sistema tecnológico, económico, social e axiológico, a *praxis* tradicional já só tem lugar como contraponto simbólico da modernidade, como vestígio de uma “autenticidade” em vias de extinção ou de contaminação. Conforme refere Jean Pouillon (1975, pp. 159-160), a tradição é uma

retroprojecção: escolhemos aquilo pelo qual nos declaramos determinados, apresentamo-nos como os continuadores daqueles que fizemos nossos predecessores. (...) para definir uma tradição é necessário ir do

presente ao passado e não o inverso. (...) a tradição caminha ao contrário da hereditariedade biológica, mas é frequentemente apresentada de acordo com o modelo desta. É uma filiação inversa: o filho engendra o seu pai e por isso pode atribuir-se muitos progenitores.

Deste modo, os estudos contemporâneos sobre festividades centram-se menos na sua substância simbólica e interrogam-se prioritariamente acerca do uso social e político das manifestações festivas (Testa, 2019). O que fazemos com as festas? Como as vamos reciclando para que façam sentido no tempo presente? De que modo as comunidades lidam com as ressignificações da sua festa, tanto as endógenas como as que decorrem de pressões exteriores? A festa como “bem turístico” ou como “património cultural” é apenas uma festa? A festa que se mantém igual nos trajes, músicas, orações ou danças é a mesma quando os que a fazem já não vivem a vida dos seus antepassados e refletem acerca da “sua festa” com categorias que vêm de fora?

Poderia pensar-se que a festa estaria condenada, na modernidade, a diluir-se e desaparecer, devorada pela racionalidade instrumental, pela lógica da produtividade ou pela ‘normalização’ do consumo e do lazer. Apesar da ambiguidade, o festivo, seja ele vivido no ritual, no ato cerimonial, na farsa carnavalesca, na festa religiosa ou no evento celebrativo, não só permanece como manifesta uma capacidade notória de adaptação e reconfiguração (Fournier, 2019).

Em vez de proposta esvaziada de sentido, mantém o seu vigor a ideia de Durkheim (1985/1912) de vermos na festa não apenas a experiência pela qual uma comunidade se apresenta e representa a si mesma, mas também como via heurística de compreensão da vida social no seu todo. Assim, parece adequado aplicar aqui o conceito maussiano de “facto social total” – entendido não tanto no sentido de condensar o todo na parte, mas, antes, de concentrar e condensar traços da vida social (Mauss, 2012/1925).

Neste sentido, estudar a festa tendo por tela e horizonte a comunidade que festeja e estudar a comunidade aprofundando a compreensão e alcance das suas festas constituem propósitos complementares entre si, que se enriquecem reciprocamente. Nas manifestações festivas encontramos em registo tensional alguns dos grandes desafios e questões que atravessam a sociedade: o presente e o futuro, a vida e a morte, a continuidade e a mudança, o comércio e o dom, o *pathos* e o *logos*. Continuamos a carecer de, com elas, tornar presente e representar o solene e o carnavalesco, o sagrado e o profano, a *gravitas* e o pícaro. Cruzamo-nos, nelas, com os processos de socialização e aprendizagem; com os caminhos cruzados de construção de identidades individuais e de grupo; com os jogos entre o mesmo e o diferente; com os diálogos entre distintas formas de apropriação, significação e vivência do tempo e do espaço; com a desigualdade de recursos e de capital e as suas incidências nas relações sociais.

Dir-se-ia que nada disto é específico e, menos ainda, exclusivo da festa, o que é verdade. Mas, sem esta perspetiva, a festa e o seu estudo seriam como que a autópsia de um cadáver, um objeto desconectado da vida social, encerrando em si mesmo o seu leque de significados. De facto, até mesmo as festas populares que a tradição transporta

de geração em geração, com frequência coladas à crença de que “sempre foram assim” e que assim têm de continuar a ser, até essas, se não mesmo sobretudo essas, se transformam, não apenas nas suas práticas e materialidades como também nos seus sentidos, graus e formas de adesão e entusiasmo. Difícil aceitar que seja de outro modo, se mudam as pessoas e as comunidades que em cada tempo e lugar as fazem suas e as alimentam e recriam.

Alguns dos desafios associados aos estudos do fenómeno festivo advêm hoje de fatores situados no espaço social mais amplo. Assim, por exemplo, o movimento e o debate em torno da patrimonialização e tudo o que induz quer nos agentes mais diretamente ligados à festa, quer nas comunidades detentoras desse bem cultural. Assim, também, o impacto dos grandes meios audiovisuais e dos grandes eventos culturais com a pressão que em muitos casos exercem para condicionar os tempos e espaços da festa e os submeter às suas lógicas mercantis (Boissevain, 2008).

Longe de permanecerem como uma contínua repetição do passado, as festas renovam-se em ligação com os contextos das comunidades e produzem novos sentidos para quem nelas participa. Desde logo, e tal como as demais práticas comunitárias, tendem a descolar dos modos de vida tradicionais e são hoje, tanto para quem as faz, quanto para quem assiste ou visita, lidas e vividas sob a lente da noção difusa de património cultural (imaterial). Os processos de patrimonialização, mediados por especialistas e organizações locais, têm sido ensejo para a valorização destas manifestações culturais, quando não mesmo para a sua salvaguarda, através de estudos antropológicos, sociológicos e históricos, e com o efeito evidente de reforçar a sua centralidade identitária nas comunidades, favorecendo o envolvimento e participação das gerações mais novas. Há, todavia, que sublinhar também as tensões que se colocam sobre as comunidades, que sentem perder o controlo sobre as suas práticas culturais tradicionais e se debatem entre vantagens e riscos trazidos pela exploração turística e mediática do património cultural. Talvez por isso mesmo, as comunidades parecem, mais do que nunca, ligadas às suas festas. Transformadas em marcadores identitários e vividas sob novas significações, as festas oferecem a quem as festeja e a quem as estuda a certeza das coisas eternas, porque humanas.

Este número da Revista Lusófona de Estudos Culturais, dedicado a refletir sobre as “Ressignificações da festa e identidades comunitárias”, surge no quadro do projeto de investigação “FESTIVITY – Festa, património cultural e sustentabilidade comunitária. Investigação e comunicação no caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado”, que envolve uma equipa de investigadores do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. O Festivity propõe-se estudar em profundidade a festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, realizada anualmente a 24 de junho, no concelho de Valongo. Tem como objetivo central desenvolver um modelo crítico de registo, análise, interpretação e comunicação das festividades populares cíclicas, na sua relação com as identidades culturais locais. Por coincidência, este número dedicado às festas é lançado no mesmo ano em que surgiu também o *Journal of Festive Studies*, uma revista científica

avaliada por pares e em acesso aberto, o que é sinal da vitalidade de um campo de estudos emergente, que assim se afirma nas Ciências Sociais e Humanas.

O primeiro artigo desta edição, sobre as “Novas festas profanas em Espanha” e da autoria de Demétrio E. Brisset, aborda os rituais festivos em Espanha e reflete acerca das múltiplas transformações por que passaram desde as primeiras décadas do século XX. O exaustivo mapeamento das festividades profanas neste país, com especial atenção para a Galiza, sublinha a modernização e promoção das festividades, em boa medida, por intervenção das autoridades estatais, regionais e locais, e a proliferação de festas baseadas em comemorações históricas, em produtos locais com valor económico e em rituais de natureza pagã.

No artigo “Mouros contra cristãos: da diferença que explica a guerra ao encontro de culturas”, de Luís Cunha, analisa-se a festa de São João de Sobrado, no concelho de Valongo (Portugal), nas várias camadas que a compõem e que se articulam numa intrincada teia simbólica. Enquadrada na categoria das lutas ou festas de mouros e cristãos, a festa de Sobrado é analisada numa perspetiva comparativa com congéneres realizadas, sobretudo em Espanha, o que, por um lado, contribui para a compreensão de uma festa sobre a qual a documentação histórica é escassa, e, por outro, dá conta das particularidades da Bugiada e Mouriscada, em especial no que se refere à relação complexa entre identidade e alteridade.

O artigo “Subsídios para a análise da festa: o carnaval visto pelas Ciências Sociais”, de Carmo Daun e Lorena, constitui uma revisão crítica aprofundada das perspetivas teóricas desenvolvidas sobre as festas carnavalescas, sobretudo, no campo da Antropologia. Mais do que recensar os contributos teóricos, o texto discute a debilidade de visões que, encerradas na festa em si (teorias da inversão, da *communitas*...), negligenciam o carácter poliédrico das festas – e dos carnavais, necessariamente – presente na relação intensa entre as comunidades e as suas celebrações, assim como o uso político, social e identitário desses eventos festivos.

O texto “O blocódromo está na rua: disputas de território e apropriação dos blocos de carnaval da cidade do Rio de Janeiro”, de Tiago Luiz dos Santos Ribeiro e Felipe Ferreira, analisa a proposta de criação, por parte da autarquia, de um “blocódromo” destinado ao desfile de blocos carnavalescos no Rio de Janeiro. Ainda que não tenha saído do papel, tal proposta foi amplamente debatida e, nos argumentos que a rejeitam, denunciam-se as tentativas de apropriação, domesticação e turistificação da festa de rua, de todos e para todos, num quadro mais amplo de crescente tensão entre quem faz o carnaval e quem o mercantiliza.

Emília Araújo, Márcia Silva e Rita Ribeiro, no texto “O tempo da comunidade e o tempo do turismo: notas exploratórias a partir da análise de duas festas”, abordam as principais implicações e desafios que o processo de turistificação das festas de carácter religioso e popular em Portugal pode representar para as comunidades locais. Partindo das festividades do São João de Sobrado e da Semana Santa de Braga, é discutida a tendência de conversão em bem turístico e como as comunidades se confrontam, em

simultâneo, com a valorização e reconhecimento das suas manifestações culturais e os riscos de “perda” identitária.

O artigo “A produção de sentido na dialética da reconstrução histórica do Congado em Uberlândia”, de Gerson de Sousa e Clarice Bertoni, desenvolve uma análise das celebrações do Congado a partir do relevante papel que têm hoje na ressignificação histórica, social e política dos conflitos e tensões raciais decorrentes da escravidão no Brasil. Na intersecção entre a religiosidade e a cultura popular, esta manifestação secular é um forte elemento de autoafirmação identitária e de resistência social, contrariando a marginalização da memória dos grupos sociais historicamente subjugados.

Em “Terno de reis: entre a tradição e a atualização da identidade na comunidade quilombola Nova Esperança”, de Cledineia Carvalho Santos, a Festa de Reis realizada no município de Wenceslau Guimarães, no estado da Bahia (Brasil) é analisada enquanto importante elemento de afirmação da identidade local, num momento em que as transformações sociais que afetam a sociedade se refletem neste folguedo e o ressignificam, sobretudo, entre as gerações mais novas.

Na secção Varia, o artigo “Migração Venezuelana no *Jornal Nacional*”, de Valéria Marcondes e Moisés de Lemos Martins, explora os sentidos presentes na cobertura feita pelo *Jornal Nacional* da Rede Globo sobre os venezuelanos imigrantes/refugiados no Brasil, para concluir que o discurso televisivo constrói uma narrativa que sublinha a superioridade política e social do país de acolhimento e que apresenta esses fluxos populacionais como uma ameaça à normalidade e à estabilidade do país, ao mesmo tempo que remete os imigrantes para uma condição de exclusão e silenciamento.

A encerrar esta edição, Sharine Machado C. Melo apresenta o artigo “As políticas culturais como um campo de governo: artistas empreendedores de si”. A partir do contributo de autores como Tony Bennet, Michel Foucault e Pierre Bourdieu, a autora analisa os processos de governamentalidade no campo da cultura e das artes, num momento em que ele é tomado pela doutrinação do mercado neoliberal e do empreendedorismo.

## REFERÊNCIAS

- Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Beck, U., Giddens, A. & Lash, S. (1997). *Reflexive modernization: politics, tradition and aesthetics in the modern social order*. Cambridge: Press.
- Boissevain, J. (2008). Some notes on tourism and the revitalisation of calendrical festivals in Europe. *Journal of Mediterranean Studies*, 18(1), 17-42.
- Canclini, N.G. (2003). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP- Editora da Universidade de São Paulo.
- Durkheim, É. (1985/1912). *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Fournier, L. S. (2019). Traditional festivals: from European Anthropology to festive studies. *Journal of Festive Studies*, 1(1), 11-26. <https://doi.org/10.33823/jfs.2019.1.1.21>

- Gillis, J. R. (1994). Memory and identity: the history of a relationship. In J. R. Gillis (Ed.), *Commemorations. The politics of national identity* (pp. 3-24). New Jersey: Princeton University Press.
- Guiu, C. (2008). Ritual revitalization and the construction of places in Catalonia. *Journal of Mediterranean Studies*, 18(1), 93-118.
- Kirshenblatt-Gimblett, B. (1995). Theorising heritage. *Ethnomusicology*, 39(3), 367-380. <https://doi.org/10.2307/924627>
- Leal, J. (2016). Festivals, group making, remaking and unmaking. *Ethnos*, 81(4), 584-599. <https://doi.org/10.1080/00141844.2014.989870>
- Lipovetsky, G. & Serroy, J. (2010). *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. Lisboa: Edições 70.
- Maffesoli, M. (1988). *Le temps des tribus. Le declin de l'individualisme dans les sociétés de masse*. Paris: Méridiens Klincksieck.
- Mauss, M. (2012/1925). *Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïque*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Pouillon, J. (1975). *Fetiches sans Fetichismes*. Paris: Maspéro.
- Testa, A. (2019). Doing Research on Festivals. *Journal of Festive Studies*, 1(1), 5-10. <https://doi.org/10.33823/jfs.2019.1.1.23>

## NOTAS BIOGRÁFICAS

Rita Ribeiro é professora do Departamento de Sociologia, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Doutorou-se em Sociologia, em 2008, pela Universidade do Minho, onde fez também mestrado em Antropologia. É investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, no grupo de investigação em Estudos Culturais. Tem desenvolvido investigação na área da Sociologia da Cultura, em particular, sobre identidades culturais e manifestações de cultura popular. Coordena o projeto “FESTIVITY – Festa, património cultural e sustentabilidade comunitária. Investigação e comunicação no caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado”.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2330-1696>

Email: [rmgr@ics.uminho.pt](mailto:rmgr@ics.uminho.pt)

Morada: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Campus de Gualtar 4710-057 Braga, Portugal

Doutorado em Ciências da Comunicação, pela Universidade do Minho em 1996, Manuel Pinto é Professor Catedrático do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, onde ensina nas áreas de Estudos Jornalísticos e Literacia para os Média. É o Diretor do curso de Doutoramento em Ciências da Comunicação.

Tem desenvolvido investigação sobre Literacia para os Média, Sociologia dos Média e Políticas de Comunicação. Coordenou a equipa portuguesa que participou no projeto europeu EMEDUS (European Media Literacy Education Study), financiado pela Comissão Europeia. É membro eleito do Conselho Geral da Universidade do Minho e,

desde 2014, integra o Conselho Geral Independente da Rádio e Televisão de Portugal S.A. Desenvolve pesquisa sobre manifestações da cultura popular e integra a equipa de investigação do projeto “FESTIVITY – Festa, património cultural e sustentabilidade comunitária. Investigação e comunicação no caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado”.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4964-8778>

Email: [mpinto@ics.uminho.pt](mailto:mpinto@ics.uminho.pt)

Morada: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Campus de Gualtar 4710-057 Braga, Portugal

Maria Erica de Oliveira Lima é professora Associada do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutorou-se em Comunicação (2005) pela Universidade Metodista de São Paulo com estágio na Universidade Fernando Pessoa, Porto (Portugal). Mestrado em Comunicação (UMESP) e graduação em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Foi Visiting Scholar na Universidade do Texas em Austin, pelo Teresa Lozano Long Institute Latin America Studies (2012). Ex-presidente (2013-2017) e Conselheira da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação. Coordenadora do GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade da Intercom (2018-2020) e da Divisão Temática 13 - Folkcomunicação do Congresso Ibercom Lisboa (2017) e Bogotá (2019). Investigadora do Centro de Pesquisas e Produção em Comunicação e Emergência – Emerge – da Universidade Federal Fluminense (UFF).

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2172-2355>

Email: [merical@uol.com.br](mailto:merical@uol.com.br)

Morada: Universidade Federal do Ceará, Av. da Universidade, 2762, Benfica, Fortaleza/CE. CEP: 60020-180, Brasil